

Entrevista A5

1- Onde iniciou o seu percurso na vida associativa?

R.: Eu tive primeiro ligações a um grupo aqui em Deão, que se chamava geração 2000... não era uma associação perfeitamente conhecida e legalmente estabelecida como a AJD... mas considero mesmo assim que tenha sido a minha primeira entrada neste tipo de grupos... porque eles exerciam uma serie de iniciativas que eram compatíveis com a actividade associativa... mas se quisermos considerar a nível legal e formal, foi a associação aqui a AJD que me acolheu pela primeira vez.

2- Que idade tinha quando começou a pertencer a uma associação?

R.: Essa associação geração 2000, talvez tivesse 13, 14...

3- Que tipo de trabalho desenvolveu na associação que esteve ligado?

R.: Nesse grupo de jovens, tínhamos bastantes actividades mais do foro cultural, actividades que aqui na associação tenho vindo a desenvolver, o cantar das janeiras... *estavas ligado á organização dessas actividades?* Era mais participação, e claro que também organizávamos, estávamos todos juntos para... aqui na associação é preciso contribuir toda a gente... mesmo dos sócios é necessário serem activos naquele tempo igual... se não fosse alguém muito mais velho... muito mais velhos, mas não tínhamos pessoas como a Paula e a Nélia... à pessoas muito mais velhas aqui na AJD e pessoas muito mais novas.... Lá eramos todos jovens, não havia ninguém com uma diferença de idade assim muito acentuada como aqui, que iam decidindo as coisas, idealizando e nós colaboramos... tínhamos então as janeiras e actividades como uma espécie de recriação da vaca das cordas... coisas assim desse género... coisas com animais, artesanato...

4- Neste momento, quais são as associações que está envolvido?

R.: Aqui na associação a AJD, colaboro com a liga dos amigos de Viana do Castelo, mas não sou bem o que se pode chamar um associado...sou dador de sangue, recebemos informação, colaboramos no que pudemos e acho que é tudo... faço parte de um fórum académico sobre forças armadas e sociologia que é a minha base de formação universitária.... E limita-se por aqui, também porque a minha vida profissional não permite estender muito mais.

5- O que é para si o associativismo?

R.: Vou falar particularmente o que me aconteceu a mim, e não só no conceito... a mim juntar-me a estes grupos e a estas situações foi uma excelente forma de me libertar de alguma monotonia, porque vivia aqui numa aldeia pequena, era filho único, e as minhas relações estavam muito baseadas no seio familiar e na escolinha e isto foi uma forma de nos libertarmos dessa monotonia e passarmos a conviver mais com as pessoas que conhecíamos e termos pessoas novas no nosso leque de conhecimentos... e a partir daí sermos em determinadas doses de acção dentro desses grupos, por sermos dotados de responsabilidades, com o que as outras pessoas achavam, faziam e sentiam... mas agora passando para o conceito eu acho que é mesmo, o associativismo é um elo de ligação entre várias pessoas que lhes permite além do que o quotidiano lhes oferece, porque todos temos amizades, todos temos família, mas o associativismo permite-nos ir além desses laços e se possível fazermos algo de útil para a sociedade, para o meio em que nos inserimos, para podermos melhorar as condições de vida das pessoas, e termos essas melhorias em mente... e ao mesmo tempo conviver, fazer amigos, e partilhar tudo isso...

6- Como estabeleceu o primeiro contacto com a associação a que está ligado?

R.: Realmente acho que o primeiro contacto com a AJD, foi o contacto de estar do lado do inimigo... porque este grupo existia antes da associação se formar e quando a associação se formou eles eram os outros... não vou dizer que havia aquele clima de eles são o inimigo... havia aquela saudável rivalidade, porque quando a AJD surgiu, surgiram bem e surgiram com força, e foi quase de certeza o primeiro passo para outro grupo se dissolver a nível de tornar parecido com uma associação, que era mais um grupo de amigos que depois se juntava para fazer coisas, como eu disse, úteis e agradáveis para toda a gente... se calhar o primeiro contacto foi o de eles serem os outros... depois vi que o outro grupo não ia muito mais além do que o “grupo de inimigos”... achei também pelo facto de já ter cá amigos meus, que poderia experimentar... ou seja, o contacto não foi pelos órgãos dirigentes da associação foi pelos meus amigos que eu cá tinha e ter mais convívio com eles foi o que me chamou para cá, para a associação...

7- Em relação a esta associação de que é membro, com que frequência participa?

R.: Infelizmente... acho que sou praticamente um sócio no papel e que pago a quota... estou disponível e todos os anos dentro das minhas possibilidades, ajudava nas mais diversas actividades, desde as janeiras ao dia internacional da juventude e outras... mas se outrora tinhas mais disponibilidade e participava mais, hoje em dia, mantenho basicamente o contacto, acompanhar, saber o que se passa, porque realmente não tenho desenvolvido actividades que eu possa reconhecer que eu estive ali, e eu participei... neste momento praticamente não se verificam não se têm proporcionado...

8- Que tipo de funções desempenha?

R.: Neste momento sou só sócio, que pode ser activo colaborador e ajudar o que esta associação define... no passado já fui dirigente, já tive na mesa da assembleia já colaborei mesmo directamente com os órgãos... hoje em dia já não... decidi não fazer parte, por dois motivos: a minha disponibilidade, porque acho que as pessoas quando fazem parte acho que têm que contar com elas e ter mesmo contributo delas, e pensar que eu já tenho 25 anos e quero ver as pessoas com 14 e 15 anos a assumirem as funções que devam aqui dentro...

10- Quais as vantagens/desvantagens, a nível individual e a nível público, de pertencer a esta associação?

R.: *As vantagens a nível individual...* acho que tem a ver com o que eu referi à pouco... podemos dar parte de nós, parte do nosso esforço e da nossas capacidades aos outros, tal como se pode fazer em instituições que façam voluntariado e outras actividades que nós podemos dar algo de nós para o bem comum.

Desvantagens a nível individual, se calhar se tivermos dificuldade em conciliar as coisas, que é um pouco o meu caso e deixei de colaborar tão activamente... mas não há aquela dimensão de haver uma desvantagem...e crescemos... trabalhar em conjunto, desenvolver capacidades para esse tipo de trabalho...

A nível público, vantagens, sei que para um estudante no ensino superior o facto de ser dirigente associativo lhe parece a possibilidade de fazer alguns exames fora de época, há uma pequena atenção por parte da sociedade civil para quem despende de algum tempo a trabalhar para a sociedade... mas julgo que é insuficiente, porque além desta vantagem na legislação, poderia haver diversas vantagens ligadas a instituições como o IPJ, eu sei que oferecem cursos e oferecem formações e diversas possibilidades das pessoas se encontrarem e conviverem e desenvolverem actividades... mas tendo em

conta as gerações que deviam estar a entrar no associativismo, infelizmente precisávamos de mais para os chamar... mais vantagens nesse campo da juventude do IPJ dos benefícios para os jovens, isto não é uma coisa que se controle, mas seria mais benéfico mais vantagens a nível de status... não digo status mas a forma como as pessoas olham para o associativismo e olham para as pessoas que colaboram... não é uma desvantagem as pessoas não reconhecerem o trabalho, mas seria uma enorme vantagem as pessoas reconhecerem, incentivarem e através disso as pessoas se sentirem cada vez mais motivadas a fazer mais e melhor e colaborar...

11- Pensa continuar a pertencer a esta associação? Até quando? O que o faria abandonar?

R.: Eu já me sinto um pouco fora, um pouco deslocado... mas ainda mantenho aquelas ligações do acompanhar e do sentir que é algo que pretendo, o que eles fazem é um bem comum e eu pretendo continuar... mas não me vejo a... para já não sei se vou ter possibilidades no futuro por causa de estar deslocado daqui deste centro de acompanhar... mas da minha vontade, do que eu idealizava continuar a acompanhar, manter na associação e apesar de ter aqui colaboradores que são muito mais velhos acho que se impõem chegarmos a uma altura e simplesmente nos retirarmos... porque por mais abertos que nós sejamos e por as mais diversas intenções que nós tenhamos de ajudar em manter isto vivo chega a uma altura que temos que realmente sair... porque o fosso torna-se cada vez maior e no grupo se calhar passamos a ser um elemento que afasta em vez de chamar... claro que depende de pessoa para pessoa, eu acho que podemos contribuir até um ponto que vejamos que já não estamos realmente a contribuir... vemos que a associação faz-me bem a mim, eu gosto de estar na associação mas se calhar se eu já não estou a servir como um elo positivo na associação mais vale sair... e isso é uma das coisas que me faria sair... e outras é, se um dia visse que esta associação tomava um caminho que se afasta dos meus princípios ou do que eu acho que deve ser mantido com certeza que me afastarei...

12- Considera o associativismo mais como uma forma de participação ou uma obrigação social? Porquê?

R.: É uma forma de participação por excelência... a cidadania tem várias dimensões e isto que eu comentei à pouco de contribuímos para o bem comum terá que estar sempre presente e nenhum de nós será um cidadão a 100% se não fizer algo parecido, se não for

associativismo, nunca seremos completamente cidadãos nem boas pessoas... (risos)... se quiser exagerar... obrigação social, a palavra é um pouco pesada, mas eu acho que sim... posso não dizer obrigado, mas acho que nos devemos sentir compelidos a participar, a não estar em frente à televisão no sofá, e se não temos nada para fazer arranjamos algo bom, construtivo para fazer... e o associativismo acho que é uma das formas de o fazer...

13- Considera o associativismo como uma forma de participação política?

R.: Depende da associação... pode ser que não... participação política vai mais além do que eu concebo para o que associações como a nossa trabalha... entrar na área da política ou somente na área de influencia, jogos de influencia de poder ou de interesse... mesmo um nível local numa aldeiazinha de mil habitantes é perigoso... já tivemos dias menos bons com a junta de freguesia ou com outra instituição, ou seja, eu acho que nos temos realmente que abster porque nós estamos aqui para trabalhar e contribuir para que os mais diversos sectores aqui da nossa comunidade beneficie da nossa acção e acho que envolvermo-nos politicamente vai minar este trabalho... apesar de muitas vezes as coisas serem difíceis de dissociar... pode haver situações em que a política e a nossa actividade possam estar muito próximas e acho que devemos ter muito cuidado em separar... e manter alguma objectividade nos nossos objectivos...

14- Quais as principais razões/motivos que o levaram a participar nesta associação?

R.: Principalmente quando somos novos, libertarmo-nos dos laços familiares, não digo abandona-los, mas a partir dessa base familiar e dos amigos da escola e das amizades que não sejam da escola, libertarmo-nos e atingirmos algo que nos vai fazer crescer a nível individual e das nossas capacidades de convivência em grupo, e vai ajudar imenso o nosso processo de socialização de crescimento, de inserção nos grupos... *mas os motivos que te levaram a participar na AJD foi a distância do núcleo familiar...* que não era bem distanciar, era complementar as minhas... fazer novos amigos e adquirir competências porque tinha a noção que já desde o grupo em que tinha colaborado, que quando vamos para um grupo destes não estamos lá para receber, ou para ter um nome dentro do grupo, estamos lá para trabalhar, mas é aquele trabalhar com vontade, o trabalhar em que todos ganhamos mesmo que ao fim do dia estejamos cansados...

15- Quem o motivou?

R.: Foi tens amigos aqui... foram os amigos que também me chamaram porque por um lado eu sentia que tinha necessidade de fazer mais do que estava a fazer naquele grupo e por outro lado as pessoas aqui cativaram-me... “olha vem, porque nós fazemos isto, nós estamos cá somos teus amigos”... também sentes-te numa primeira fase à vontade... e foi assim, os amigos que me chamaram...

16- Como os pais/ família reagiram ao facto de se tornar membro de uma associação juvenil? Influenciaram a sua decisão?

R.: Não houve influencia... como eu já estava no outro grupo foi mais um manter... se calhar como este grupo se formalizou a nível legal, tinha corpos dirigentes e isso tudo, se calhar encaram como algo mais serio... e ficaram, se calhar, mais á vontade com essa situação... mas como eu já tinha outra participação não houve nem influencia nem reacção distinta...

17- Existe alguma relação entre a sua actividade na associação e a actividade que exerce ou pensa vir a exercer no seu futuro profissional?

R.: Eu já há uns anos que exerço uma profissão e que é a única coisa que eu posso estabelecer a ponte, mas que eu acho que já fazia parte de mim, é o trabalho em comunidade, o fazer parte de uma missão, de uma estrutura de uma engrenagem e por outro lado alguma apetência, alguma vontade de ter mais, e de ir mais além, de liderar e fazer as coisas um pouco à minha maneira, ou da maneira de fazer com que a forma correcta vingue... sou militar, tenho funções de comando, sou oficial e acho que podemos transpor basicamente estas dinâmicas do trabalho em comum e a liderança para o que eu senti aqui e vivi aqui... e depois lá, posso dizer que cheguei lá com os meus 18 anos e fui pouco depois em incumbido de funções de comando... e para muita gente isto é complicado, com 18, 19 anos... “façam o favor de ser homenzinhos e ir comandar pessoas”... e claro que para mim foi difícil como para qualquer outra pessoa, o simples facto de no passado já se tenham experiencias, quer seja no associativismo quer seja na escola, quer seja numa equipa de futebol, ter funções de, por um lado, partilharmos um objectivo comum e trabalharmos para ele e por outro lado se já assumimos funções de chefia ou de liderança ou de estarmos a orientar um projecto ou um trabalho ajuda... e se já aqui me sentia à vontade, então lá só havia o problema de não estar a mandar em miúdos, fazer cartazes, e montar as barracas ali para o Dia

Internacional da Juventude...risos... mas estamos a trabalhar com pessoas adultas, missões a sério e ainda por cima num meio tão sensível como é o meio militar...

18- Considera que o facto de pertencer a esta associação, é um “passo” necessário para uma posterior progressão na vida profissional? Porquê?

R.: Ajuda-nos sempre ter uma experiência de trabalho... *então não achas que é um passo necessário* Não é um passo necessário porque infelizmente a maior parte das pessoas, a experiência mais próxima que têm de uma associação, deve ser a associação de estudantes na escolinha, ou fazerem parte do grupinho da turma que organiza as festas e os jantares... a maior parte das pessoas a única experiência que têm de organização e de objectivos comuns não vai muito além disso... e acabam por chegar mais tarde à vida profissional e ter sucesso na mesma, não é essencialmente necessário... é óptimo, combateria muitas necessidades que as pessoas têm e que vão sentir posteriormente quando chegarem à vida profissional, a não ser que trabalhem sozinhos... mas é isso, não é um requisito que não podemos deixar de o ter, mas se o tivermos é uma mais valia.

19 – Acha que as mudanças que ocorrem na sociedade, como por exemplo a precariedade, conduzem os jovens a uma maior procura pela prática associativa (pelo voluntariado)?

R.: Como em tudo existem múltiplas realidades... e é difícil para mim estar a generalizar, mas posso falar do que se passa aqui, em que parece-me que os jovens estão mais distanciados de qualquer coisa que tenha a ver com participação... *eles tiram o curso e não arranjam logo emprego... achas que isso conduz à procura pelo associativismo?* Em alguns casos eu acho à mesmo um descartar do associativismo... agora está-se a focar muito nos licenciados, mas eu tenho uma referência de associativismo, neste caso o associativismo jovem que vai de uma idade muito inferior da adolescência, que é a referência que eu tive e que eu acho que aqui, na nossa realidade na AJD, começo logo a contar a partir da adolescência... por isso acho que nesta fase da adolescência estamos a perder os miúdos por causa das novas tecnologias, como eles agora convivem e não precisam de associações para sair de casa, para se juntarem...o Messenger também substitui as associações e se for preciso os amigos de cara a cara, as redes de comunicação virtual, como por exemplo, o hi5.... Eu tenho hi5, sou associado e pertenço a um grupo... risos... isto substitui muita da actividade que

podiam desenvolver nas associações... quanto à questão das pessoas que acabam o curso superior e depois não encontram logo uma entrada no mercado de trabalho... essas sim, creio que as associações, as paróquias que ultimamente temos visto, os nossos líderes a nível religioso, a dizer que as nossas instituições ligadas à igreja podem ajudar a empregar muita gente e não deixam de ser associações, como aqui o centro paroquial de Deão, e muita gente vai lá encontrar o seu primeiro passo, ou até mesmo o caminho de actividade profissional... eu acho que nessa medida as pessoas acabam por aderir muito, por exemplo, associações que as acolham e lhes dêem alguma coisa...

20. Nota que quando se casam as pessoas distanciam-se da associação?

R.: Apesar de aqui na associação não haver muitos casos desses, como é obvio as pessoas passam a ter mais uma carga ou um peso, passam a ter uma maior responsabilidade noutras áreas da sua vida e ao casamento têm que dedicar muito mais tempo... afastam-se um pouco, mas aí tudo vai depender das pessoas. Eu acho que numa fase inicial afastam-se porque precisam do seu espaço e precisam de crescer como casal e depois, posteriormente quando já esta cristalizada a relação do casal voltam a participar em associações... mas realmente muitas vezes quando voltam a essa actividade já estão noutra nível, noutra tipo de actividades ligadas à sua área profissional... se calhar aí já se distanciam um pouco daquilo que foi a génese do associativismo no seu percurso, mas acho tão importante como o casamento é o facto de irmos estudar para longe, o facto de irmos trabalhar para longe dos locais onde iniciamos a nossa pratica associativa influencia tanto ou mais...

21 – Considera que as novas gerações estão mais disponíveis/mais abertas para o associativismo? Porquê?

R.: Eu acho que os mais jovens estão voltados para uma forma de ser social que é distinta da que eu vivi... que era o que eu falei á pouco de termos então novas formas de eles se juntarem de agirem em comum, sem terem de se juntar em associações e fazerem tudo de forma... *em relação às gerações mais velhas, achas que as mais novas estão mais disponíveis? Mais abertas?* Elas estão mais abertas mas depois a questão da disponibilidade se calhar já não é tão garantida...

22 – Considera que as gerações mais novas, em relação às mais velhas, procuram outras formas de associativismo? Quais? Porquê?

R.: Eu acho que sim... a questão de termos que, à pouco falou de precariedade, eu não quero estar sempre a falar mal dos mais novos, porque odiava que fizessem isso quando eu era novo, há certas coisas como é obvio que eu olho agora para baixo e às vezes olho para os mais novos e não deixo de me interrogar, o que é que os faz mover em diversos aspectos... e então vejo que muita gente ter que fazer parte de uma associação formal que os “obriga” a serem responsáveis, isso sim é uma obrigatoriedade, obriga-os a participar se querem ser realmente membros... ou seja, uma associação que lhes toma tempo, quando o tempo para toda a gente é uma coisa fundamental, mas pelo visto ele não tem tempo suficiente para tratar de coisas como o hi5, e isso tudo, toma-lhe imenso tempo, eu acho que isso aí é bastante complicado... tem outras formas de se juntarem e associarem que em primeira mão eles adoptam... lazer, sim, mais ligado à forma do estar com os outros, só que estar com os outros e fazer algo... mas eu acho que isso mesmo assim é o que lhes é apresentado em primeiro lugar o que não implica que eles a seguir não dêem mais um passo em frente e procurem o associativismo...

23 - Com a sua prática associativa passou a ter mais ou menos confiança nas pessoas?

R.: Passei a ter mais confiança nas pessoas na vertente ligada às actividades ligadas à associação e por excelência nas restantes vertentes... porque nós ao desenvolvermos um trabalho já temos que ter uma relação que nos permita confiar nas pessoas, quem é que pode fazer a distribuição de tarefas assim é que pode haver uma dinâmica que permita que as pessoas trabalhem a sua parte com fim às expectativas que têm deles e assim se estabelece uma relação de confiança.

24 - O associativismo mudou a sua relação com as pessoas? Em que aspectos?

R.: Mudou... as pessoas que já tinha como amigas, tornaram-se além de amigas colegas de trabalho, são pessoas que eu já pude além de saber que eram meus amigos, já sabia que podia contar com eles, a desenvolver certo tipo de actividades e distinguir quem é que é mais apto para determinado tipo de funções... num grupo de amigos nem sempre conseguimos ver as dinâmicas de alguém que assume responsabilidades, alguém que faz, alguém que partilha, com os outros de uma forma que pudemos ver quando estamos a trabalhar em conjunto... por outro lado as pessoas que eu não conhecia, não quer dizer que me tenha tornado um grande amigo delas, mas é o termos pessoas com quem podemos contar também e conhece-las na forma de trabalho...

Está muito baseado numa relação de expectativas, numa perspectiva do que o outro faz e do que podemos esperar dele e do que eu posso fazer.

25. O associativismo aumentou a sua rede de contactos? Que vantagens vê nisso?

R.: Sim, aumentou a minha rede de contactos. Mas se calhar não usufruí muito disso. Mas existem muitas vantagens, uma rede de conhecimentos maior. Na vertente relacionada com o associativismo é bom contactar outras pessoas e depois ficar com o contacto para depois podermos utilizar, a nível associativo. A nível pessoal, ganhamos sempre mais em ter mais pessoas na nossa rede de contactos não só na aquisição de conhecimentos que elas nos pudessem passar, não só no estabelecimento de novas amizades, mas não querendo parecer utilitarista, uma perspectiva demasiado utilitária do material podemos usar no bom sentido do termo essas pessoas para posteriores contactos e trabalhar c elas noutras iniciativas que tenhamos no futuro quer seja a nível associativo quer seja a nível pessoal e não me esqueço de pessoas que eu conheci de varias regiões que nos transmitiam a informação que se passava de actividades culturais, lúdicas e desportivas mas também fica ali uma pessoa conhecida que depois é a nossa porta de entrada para aquela zona não só a nível associativo como a nível pessoal... temos aqui muitas pessoas que depois de se terem conhecido em encontros associativos... iam passar fins-de-semana na casa dessas pessoas... de facto ficamos sempre a ganhar!

26- Considera que a participação associativa é uma escola de participação cívica? Porquê?

R.: Uma escola de participação cívica, sim. Como eu falei atrás na entrevista nós não podemos ser cidadãos completos, além dos direitos e deveres que nós encaramos como mais comuns, que nos lembramos em primeiro lugar como o votar, ou cumprir a lei... temos também para sermos cidadãos contribuir. Por isso fazemos algo mais por a comunidade e eu acho que o associativismo é uma ferramenta, é um meio de atingirmos esse fim. Além disso, na nossa formação como pessoas principalmente se entrarmos para o meio associativo como jovens, ajuda-nos a criar, a desenvolver capacidades básicas a nível de convivência e de trabalho.

27- Existem diferentes opiniões em relação ao que é necessário fazer para ser um bom cidadão. No que lhe diz respeito, acha que a pertença a esta associação influencia as outras práticas de cidadania?

R.: Eu acho que sim, novamente nós somos conscientes que num pequeno grupo como o nosso temos obrigações, deveres, direitos, responsabilidades, temos objectivos... a associação não deixa de ser uma mini, uma micro-estrutura à imagem da sociedade em que nos inserimos e se reproduzirmos as relações que temos nesta associação para a sociedade nós vemos que existem muitas ligações, muitos pontos em comum e isso novamente insiste que nós acolhemos pessoas jovens e isso é uma porta que se abre para a compreensão e a adopção destas praticas de cidadania e responsabilidade desde direitos e iniciativa principalmente

28- Acha que a pertença a esta associação proporcionou-lhe o reconhecimento dos direitos e deveres que possui como cidadão?

R.: Sim, nós se não tivéssemos de desenvolver actividades não nos informávamos dos nossos direitos, se nós não tivéssemos que ser uma associação que está formalmente reconhecida não tínhamos noção do que tínhamos que cumprir ao ser uma associação desse género, temos que ter corpos constituintes, temos que actas das reuniões, temos que apresentar contas, ou seja, os deveres começam a ser claros que nas sociedades tudo tem que ter uma ordem diz a legislação e quanto mais novos formos mais isto nos surpreende, porque não andam as coisas sem controlo... é bom termos essa noção e colaborarmos desde sempre como fazer isso.

Como eu há pouco falei dos direitos, quando nós queríamos desenvolver actividades para as quais não tínhamos orçamento começamos a procurar apoios ... nós temos bastantes apoios que podemos usufruir e se no inicio só olhávamos para o IPJ, o IPJ e achávamos que era o único garante dos nossos direitos e a única ajuda, sabemos hoje em dia que o leque pode-se estender à União Europeia e aos apoios dos fundos comunitários são os nossos deveres... nós queremos ser cidadãos de pleno direito de participar e ao mesmo tempo vamos descobrir que isso é apoiado pelo Estado

29. Algumas pessoas acham que os jovens ainda estão a “assentar na vida”, que são “adultos incompletos”. O que acha disto? Acha que não possuem capacidade para participar activamente na sociedade?

R.: O idadismo que é nós discriminarmos as pessoas pela idade que têm e eu quando era mais novo detestava qualquer pessoa que me julgasse única e exclusivamente pela minha idade porque eu posso só ter esta percepção de mim próprio mas sempre me achei muito capaz, de todas estas dimensões que estão ligadas à questão que colocaste... mas sempre me achei muito desligado da minha idade, via que muitas pessoas com quem eu convivía não eram... não quero dizer que fosse mais maduro, não! Também fiz as parvoíces que um adolescente fazia, experimentava o que um adolescente experimentava... mas quando tocava estas questões práticas de actividade, agir em comum, responsabilidade em relação ao objectivo, mesmo que fosse pessoal eu acho que sempre tive muita consciência disso e sempre fui muito capaz de delinear por mim próprio o que eu conseguia ou não atingir...

Apesar de serem adultos incompletos têm a capacidade de entrar num projecto como este e colaborar e serem mesmo uma mais valia ou uma figura de destaque dentro da associação. Posso apontar pessoas como o Adélio nesta associação que desde entrou foi sempre um elemento vital cá dentro, uma das figuras mais jovens na associação foi sempre uma das pessoas que a meu ver foi sempre uma das pessoas que tornou esta associação num caso de sucesso... por isso somos incompletos, não temos toda as capacidades que a experiência e a idade nos podem trazer mas temos ao nosso dispor as ferramentas... as nossa capacidades para cumprir dentro da prática associativa aquilo que é esperado de nós, temos capacidade para participar activamente e responsavelmente...

30. *Na sua perspectiva o que é mais importante num país? Classifique as seguintes afirmações, da mais importante para a menos importante.*

a) *Manter a ordem no país;*

b) *Dar aos cidadãos maior capacidade de participação nas decisões importantes do governo;*

c) *Combater o aumento dos preços;*

d) *Defender a liberdade de expressão.*

R.: d)/ a)/ b)/ c)

31. Dados sociográficos:

Idade: 25 anos

Sexo: Masculino

Estado civil: Solteiro

Habilitações literárias: Licenciatura